

## **Corpos abjetos: a heterossexualidade compulsória e os discursos de ódio nas redes sociais**

*Abject bodies: compulsory heterosexuality  
and hate speech in social networks*

Robson Guedes da SILVA<sup>1</sup>

### **Resumo**

O intuito desta pesquisa é problematizar em que medida uma heterossexualidade compulsória, abordada por Adrienne Rich (2010), agencia discursos de ódio, e como isso encontra lugar nas redes sociais. Nutrindo-se da discussão de Michel Foucault em História da Sexualidade I e A ordem do discurso, o trabalho aborda as concepções de sexo e sexualidade, bem como os discursos que permeiam estas temáticas e que impõem a heterossexualidade como algo obrigatório. Por conseguinte, discute-se como à luz da militância dos corpos queer em sua crítica à normatividade hegemônica, problematizando as redes sociais (em especial as páginas do Facebook Orgulho de ser hétero e Sujeito homem) como lugares privilegiados onde se propaga a opressão desses corpos através de discursos de ódio que evidenciam a forte cobrança para que eles, que transgridem, se enquadrem na normatividade, padrão imposto nesta sociedade sexista e patriarcal.

**Palavras-chave:** Corpos queer. Heterossexualidade Compulsória. Redes sociais.

### **Abstract**

The aim of this research is to problematize to what extent a compulsory heterosexuality, tackled by Adrienne Rich (2010), agency hate speeches, and how this finds place in social networks. Nourishing the discussion of Michel Foucault in the History of Sexuality I and The order of discourse, the work approaches the conceptions of sex and sexuality, as well as the discourses that permeate these themes and that impose heterosexuality as something obligatory. Therefore, it is discussed how in the light of the militancy of the queer bodies in their critique of hegemonic normativity, problematizing social networks (in particular the pages of Facebook Pride of being straight and Man subject) as privileged places where the oppression of these bodies propagates through discourses of hatred that evidence the strong collection so that they, who transgress, fit the normativity, standard imposed in this sexist and patriarchal society.

**Keywords:** Queer bodies. Compulsory Heterossexuality. Social networks.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFPE). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Foucault e Educação (GEPFE-UFPE). E-mail: robsonguedes00@hotmail.com

## Introdução

À luz da militância LGBTTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Intersexuais) em suas problematizações e críticas às normatividades hegemônicas, as redes sociais surgem como espaços de expressão de discursos de ódio para com aqueles que vivenciam a subalternidade queer. Entender como a importância ao respeito às diferenças se concatena hoje, evidencia a pertinência que tal respeito tem para uma efetivação da construção de uma sociedade mais tolerante, conscientizada e subalternizada.

Primeiramente é preciso entender que os discursos não são inocentes, tampouco são meras opiniões sem intuito de reverberar algo, antes de tudo eles são carregados de relações de poder, Michel Foucault afirma que

Mais precisamente, não se deve imaginar um mundo dos discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. (FOUCAULT, 2014, p. 110).

Com isso podemos elucidar que as estratégias que os elementos discursivos organizam podem efetivar opressões, visto que, como supracitado, um padrão hegemônico e normativo se estabilizou, um discurso pradonizante se instituiu, um instrumento regulador foi posto, e logo, todos aqueles que transgridem estes discursos tendem a ser rechaçados, cobrados de vivenciar a normatividade imposta, tornando-se aquilo que chamamos de queer: algo a margem, estranho.

A análise de como o patriarcado teve uma força expressiva na objetificação dos sujeitos, em seu controle, na patologia dos desejos que eles expressavam em seus corpos, demanda lembrar o exemplo das duras perseguições através de agressões e mortes com caráter hediondo que as pessoas LGBTTI sofreram e sofrem até hoje. Tais agressões foram um dos motivos para surgimento, nos anos 60, de um movimento político e social após a chamada Revolta de Stonewall (28 de junho de 1969 - Nova York), que através de atos públicos faziam reivindicações pela garantia de direitos e

respeito para com lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais. Nota-se, nesse sentido, como o corpo daqueles que nessa luta se empenharam foi duramente reprimido e taxado como impróprio, herético e subalterno. Concepção preconceituosa que muitas vezes ainda hoje persiste em existir em muitas pessoas alienadas por esse modelo de sociedade patriarcal e sexista, e que encontram nas redes sociais lugares para a expressão de seus discursos de ódio que evidenciam a cobrança de uma normatividade.

Nesta pesquisa teremos como intuito também problematizar junto com Adrienne Rich (2010) a concepção da heterossexualidade como algo compulsório, o que evidencia as infundadas opressões para com aqueles que não cumprem essa obrigatoriedade histórica que nos foi imposta desde o discurso do sexo com função apenas reprodutiva, do tornar os desejos como algo patológico (como já apresentado em Foucault), além de outros mecanismos de poder históricos. Dessa forma, os corpos se tornaram um arquivo orgânico, o gênero tornou-se uma performance do discurso, em que o corpo como um texto construído socialmente, ou naturalizava aquilo que era imposto como padrão ou sofria as consequências por transgredir o que foi imposto. Sobre isso Paul Beatriz Preciado afirma que:

O sistema sexo/gênero é um sistema de escritura. O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. (PRECIADO, 2014, p. 26).

Podemos com isso, entender o caráter pertinente que esta pesquisa assume pelo fato de problematizar as formas de como os discursos históricos construíram as concepções de sexo e sexualidade nesta sociedade ocidental, a visão obrigatória da heterossexualidade, além de focar em como as redes sociais se tornaram espaços de expressão de discursos de ódio que tendem a oprimir os corpos.

## Os discursos sobre a sexualidade

Michel Foucault, em 'Sexualidade e Poder', conferência ministrada em Tóquio em 1978 nos traz uma importante compreensão de como se produziu uma história da sexualidade na sociedade ocidental em que vivemos. O autor ao se debruçar no seu trabalho evidencia o intuito de problematizar o saber sobre a sexualidade não partindo do desconhecimento do sujeito de seu próprio desejo, mas sim dos saberes cultural e social, ou seja, dos saberes coletivos sobre a sexualidade (FOUCAULT, 2006, p. 60).

Os discursos que produziram a sexualidade se diferenciam, tanto na sociedade oriental como na ocidental. O oriente busca produzir na sexualidade antes de tudo uma arte erótica, havia como Foucault afirma

[...] um discurso muito abundante, um discurso muito difundido, mas que não visa instituir uma ciência, e busca, pelo contrário, definir uma arte- uma arte que visaria a produzir, através da relação sexual ou com os órgãos sexuais, um tipo de prazer que se procura tornar o mais intenso, o mais forte ou o mais duradouro possível. Encontra-se em muitas sociedades, assim como em Roma ou na Grécia antiga, toda uma série de discursos muito numerosos sobre essa possibilidade, ou em todo caso sobre a busca dos métodos por meio dos quais se poderá intensificar o prazer sexual. (FOUCAULT, 2006, p. 61).

Na sociedade Ocidental não temos essa concepção de arte erótica, não se tem a intenção de intensificar seu prazer próprio pelo prazer dos outros, não há um discurso que permeia isso. Não obstante, a sociedade ocidental buscar construir uma ciência sexual, ou seja, algo sobre a verdade daquilo que é no indivíduo a sua sexualidade e não como fazer para intensificar seu prazer, deixando evidente a diferença da sociedade oriental em sua busca de uma verdade sobre o sexo e a sexualidade e não sobre a intensidade do prazer.

O autor elucida que, a partir de Freud, dos movimentos políticos e culturais, a discussão sobre sexualidade que era algo vedado ao silêncio, começou a ganhar pertinência criando condições para se poder tomar consciência acerca dela. Todavia, Foucault vai trazer a problematização acerca da concepção de que o cristianismo foi o grande protagonista no processo de produzir mecanismos de repressão, de exclusão e de

interdição acerca da sexualidade. Ele afirma que esse esquema histórico não possui uma exatidão, pois evidencia que Roma no período do seu império já vivenciava a regra da monogamia, o sexo como função de reprodução e a desqualificação do prazer sexual. Foucault afirma que

[...] nesta época, casar-se e respeitar sua mulher, fazer amor com ela para ter filhos, libertar-se o mais possível das tiranias do desejo sexual já era uma coisa aceita pelos cidadãos, pelos habitantes do Império Romano antes do surgimento do cristianismo. O cristianismo não é, portanto, responsável por toda essa série de proibições, de desqualificação, de limitações da sexualidade frequentemente atribuídos a ele. (FOUCAULT, 2006, p. 64).

É preciso salientar que o cristianismo pode não ter sido o principal responsável, todavia, foi ele que trouxe outras técnicas de moral, novos mecanismos de poder e de proibições éticas acerca da sexualidade no Ocidente. Dessa forma é preciso perceber que com a ascensão do cristianismo no Império Romano esse poder que foi supracitado Foucault chama de *pastorado*. O papel desenvolvido pelos pastores era o de condutores, os indivíduos eram como ovelhas, assim formando o rebanho de responsabilidade do pastor. Foucault salienta que “O poder pastoral se opõe a um poder tradicional habitual, pelo fato de ele não se exercer sobre um território: o pastor não reina sobre um território; ele reina sobre uma multitudine de indivíduos.” (FOUCAULT, 2006, p. 66).

Outro ponto importante a ser problematizado era o papel do pastor enquanto confessor, aquele que perdoava os pecados de seu rebanho, o juiz de suas ovelhas, o poder que o pastor detinha na confissão, onde por meio dela tinha conhecimento do cotidiano do seu povo, de seus anseios e falhas, de seus atos e intenções e, não obstante, o sexo como relato presente nas confissões. Sobre isso Foucault vai elucidar que

a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; [...] (2014, p.69).

O papel do discurso só corrobora nossa reflexão acerca da força que esse mecanismo de poder teve não somente nas técnicas de cerceamento dos desejos na

sociedade ocidental, mas principalmente no despertar nos sujeitos uma vontade de saber sobre a sexualidade. Dessa forma, é preciso salientar que o pastor na condição de condutor, detinha em si um discurso poderoso, que induzia seu rebanho àquilo que concernia. Com isso Foucault (2006, p. 68-69) afirma que

O poder do pastor consiste precisamente na sua autoridade para obrigar as pessoas a fazerem tudo o que for preciso para a sua salvação: salvação obrigatória.[...] O pastor pode impor aos indivíduos, e em função de sua própria decisão, sem que houvesse mesmo regras gerais ou leis, sua vontade, pois, isso é a coisa importante no cristianismo- não se obedece para atingir um certo resultado, não se obedece, simplesmente para adquirir um hábito, uma aptidão ou mesmo um mérito. (grifo nosso)

Dessa ótica, a partir dessas reflexões se evidencia como se produziram os discursos acerca da sexualidade enquanto dispositivo histórico, as inúmeras relações de poder que a fizeram ser vista enquanto assunto tabu ao longo da história da nossa sociedade ocidental. A sexualidade em suma é um correlato de práticas discursivas, resultado de um complexo dispositivo instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo. (FOUCAULT, 2014).

Ademais, podemos com Foucault entender a importância de perceber os discursos históricos, que produziram a sexualidade, como a entendemos hoje. Vale lembrar que não mais se deve ler sexualidade como algo inerente aos sujeitos, mas sim como um importante construto social que se permeia pelas relações de poder e pelos discursos que se elucidam no cotidiano de forma horizontal. “A história da sexualidade - isto é, daquilo que funcionou no século XIX como domínio de verdade específica - deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos.” (FOUCAULT, 2014, p. 77).

## **A heterossexualidade compulsória**

Ao caminharmos na compreensão de como se produziram os discursos acerca do sexo e da sexualidade ao longo da história da nossa sociedade ocidental, é pertinente, por conseguinte, questionar quais foram os discursos que produziram a concepção da heterossexualidade como algo obrigatório e padrão. Não se deve manter a justificativa

através de um viés biológico, visto que o sexo biológico e orientação sexual não estão dependentes um do outro, pois, um nos define enquanto machos e fêmeas dentro do reino animal do qual fazemos parte e o outro guia nossa orientação afetivo-sexual por alguém.

Dessa forma, Adrienne Rich (2010) em *Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica*, vem problematizar essa obrigatoriedade, bem como as consequências dessa compulsoriedade nos corpos femininos e lésbicos. Primeiramente a autora elucida que

As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um fiat religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura (RICH, 2010, p. 19)

O corpo da mulher é visto pela autora como alvo de domínio do poder masculino que institui a heterossexualidade, pois afirma que “Algumas das formas de o poder masculino se manifestar são mais facilmente reconhecidas do que outras, ao reforçar a heterossexualidade sobre as mulheres” (RICH, 2010, p. 26). Dessa ótica é necessário perceber quais são os métodos pelos quais o poder masculino é mantido como instrumentos de opressão a esses corpos e de forma mais latente nos corpos femininos que não seguem o padrão normativo de orientação sexual.

Rich vai elencar alguns métodos de opressões, todavia, queremos salientiar apenas aqueles que elucidam às questões da sexualidade. Ela afirma que alguns dos métodos se concernem negando a própria sexualidade feminina através da punição, inclusive a morte, devido ao adultério ou em razão da sexualidade lésbica; ou forçando as mulheres a sexualidade masculina através do estupro, agressão física, incesto, romantização do romance heterossexual, entre outros. (RICH, 2010, p. 24) Com isso, denotasse como historicamente esse métodos sempre foram presentes em nossa sociedade e que até na contemporaneidade movimentos sociais tentam combater a continuidades destas opressões aos corpos femininos e corpos femininos lésbicos.

A lésbica tendo em seu corpo a histórica subalternidade de ser mulher, carrega pela transgressão à heterossexualidade compulsória outra subalternidade, ou seja, a de

ser lésbica. O corpo já lido como abjeto é a partir da vivência de uma orientação sexual que não segue o padrão hegemônico, submetido a muitas vezes ter de abdicar de suas expressões afetivas, bem como evidenciar sua atração afetiva-sexual por outra mulher; sobre isso Rich elucida que

Uma lésbica “no armário”, devido ao preconceito heterossexista no trabalho, não é simplesmente forçada a negar a verdade sobre suas relações no mundo exterior ou na sua vida privada. Seu emprego depende de que ela finja ser não apenas heterossexual, mas também uma mulher heterossexual em termos de seu vestuário, ao desempenhar um papel feminino, atencioso, de uma mulher “de verdade”. (RICH, 2010, p. 28)

A partir das reflexões acerca da existência lésbica podemos afirmar que a heterossexualidade compulsória é um discurso produzido que garante a continuidade da dominação masculina sobre o corpo feminino e corrobora para a efetiva opressão dos corpos queer. Dessa forma, percebermos que algumas mulheres, em sua existência lésbica, desafiam e transgridem o padrão imposto, evidencia a importância de romper com esses padrões que oprimem e cerceiam os corpos queer. Movimentos de mulheres lésbicas como o feminismo lésbico, por exemplo, problematizam as consequências cotidianas apresentadas com a obrigatoriedade da heterossexualidade como orientação padrão instituída. Com isso, podemos concordar com a autora quando afirma que

A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência. (RICH, 2010, p. 36).

## **Metodologia**

Esta pesquisa de caráter qualitativo problematiza junto a Foucault em História de Sexualidade (2014) e a Ordem do Discurso (1999) como se produziram os discursos históricos acerca do sexo da sexualidade, bem como os discursos como mecanismos históricos de controle dos corpos. Igualmente, a partir da concepção e discussão de Adrienne Rich (2010) acerca da heterossexualidade compulsória buscamos analisar e



problematizar 4 (quatro) publicações de duas páginas do Facebook, 2 (duas) da página oficial "Orgulho de ser hétero" e 2 (duas) da página "Sujeito homem". Para uma análise inicial, 10 publicações feitas entre os meses de junho a setembro de 2016 foram analisadas. A partir disso se observou que 4 das 10 publicações possuíam maior quantidade de comentários que atendiam satisfatoriamente ao que queríamos problematizar, no caso, a grande expressão de discurso de ódio como instrumento de opressão aos corpos que não seguem o padrão hegemônico nem vivenciam a heterossexualidade compulsória.

## **Os discursos não são inocentes: redes sociais e os discursos de ódio**

Nesta pesquisa, na esteira de Michel Foucault, problematizamos como se produziram os discursos sobre o sexo e a sexualidade e como em nossa sociedade ocidental tais discursos sobre essas temáticas tiveram sempre um caráter regulatório e repressor, bem como seguimos Adrienne Rich quando elucida as consequências da heterossexualidade compulsória nos corpos das mulheres lésbicas. Partindo dessas referências, podemos nos questionar: e hoje? Onde esses discursos ganham espaço? Como forma de viabilizar uma pertinente problematização acerca da efetivação ou não desses discursos, ao decorrer da construção desta pesquisa, foi percebido que as redes sociais tornaram-se um espaço para que os discursos reguladores e opressores, frutos da obrigatoriedade de um padrão hegemônico imposto, continuassem se efetivando.

É necessário, nesse sentido, salientar como os discursos em seus procedimentos possuem um jogo de poder, algo que controle sua proliferação e intuito, pois é no discurso que poderes são veiculados e produzidos. Em A ordem do discurso Michel Foucault vai levantar a suposição que

[..] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1999, p. 8).

Podemos dessa forma, então, pensar as redes sociais como espaços privilegiados desses procedimentos do discurso, com isso, ao pesquisarmos no Facebook, após algumas buscas, foram selecionadas duas páginas que problematizaremos como espaços de efetivação de opressões através de discursos de ódio, a primeira denominada Orgulho de ser hétero e a segunda Sujeito homem. Foram selecionadas, para uma análise inicial, 10 publicações feitas entre os meses de junho a setembro de 2016. A partir disso se observou que 4 das 10 publicações continham em sua estrutura e comentários, discursos que detêm a cobrança da obrigatoriedade da heterossexualidade em sua dominação masculina sobre o corpo feminino, além da efetivação de opressões sobre os corpos queer que não seguem o padrão hegemônico, através do discurso de ódio. Observemos então as publicações e os comentários selecionados para a análise:

**Figura 1** - Publicação da página Orgulho de ser hétero



Fonte: Facebook<sup>2</sup>.

<sup>2</sup>Disponível em <https://www.facebook.com/OrgulhodeserHetero/photos/a.587714874632677.1073741828.587546344649.530/1137221673015325/?type=3&theater> Acesso em Setembro de 2016.

Na primeira publicação, a imagem mostra um homem com o rosto sério olhando para o horizonte, como quem expressa uma inquietação. O contexto ao fundo remete a um cenário de faroeste, onde a virilidade do forateiro é símbolo de sua coragem no decorrer das histórias com esses contextos de cenários. O enunciado denota uma irônia acerca da diversidade, questionando se a heterossexualidade virou crime, pelo fato de na contemporaneidade seu padrão histórico esta sendo questionado.

Por conseguinte, observa-se como os comentários elucidam o preconceito com os LGBTTIIs através do uso dos termos “queima rosca” e “rosca bamba”. O elucidar do enunciado vem somado às percepções da imagem, um padrão de homem é posto e o estranho a ele é questionado e colocado a prova como forma de desdém. Acentuando a cobrança do caráter compulsório que a heterossexualidade vem se construindo ao longo da história de produção de uma verdade sobre o sexo.

**Figura 2** - Publicação da página Orgulho de ser hétero



Fonte: Facebook<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Disponível em

<https://www.facebook.com/OrgulhodeserHetero/photos/a.587714874632677.1073741828.587546344649530/114515500555325/?type=3&permPage=1>. Acesso em Setembro de 2016.

Na segunda publicação o que está posto em prova é a fragilizada masculinidade e virilidade, o enunciado faz uma associação de que os homens que usam um assessorio alargador são sujeitos homossexuais, tudo isso pelo simples fato de não seguirem o padrão de virilidade instituído. Acerca disso, Bourdieu elucida que

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto qualidade do vir virtus, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual - defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. - que são esperadas de um homem que seja realmente homem. (BOURDIEU, 2002, p. 20).

A partir dessa ótica, podemos, com o autor, perceber os discursos que muitas vezes, até na atualidade, apresentam a associação da virilidade ética com a visão de virilidade física instituída de forma compulsória ao longo da história. Deixando claro que, todo aquele que não segue o padrão imposto tende a ser associado aos corpos masculinos que “abdicaram da virilidade de um homem que seja realmente homem”, ou seja, o homossexual.

**Figura 3** - Publicação da página Sujeito homem



Fonte: Facebook<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Disponível em

<https://www.facebook.com/OrgulhodeserHetero/photos/a.587714874632677.1073741828.587546344649530/114515500555325/?type=3&permPfdage=1>. Acesso em Setembro de 2016.

A terceira publicação teve como foco uma notícia acerca de uma mulher que ficou nua e dançando em um coletivo de transporte público; nesse caso o que está em discussão é a postura da mulher, vista como imprópria por muitos dos comentários, taxada de vulgar e profana, entre outros adjetivos empregados a ela, sendo seu corpo lido como algo abjeto. O que podemos problematizar com esse enunciado é como a nudez feminina é quista e ao mesmo tempo em que é reprimida e regulada, encontrando sua permissividade apenas no quarto do casal ou através da pornografia. Contudo, é preciso salientar que quem é o agente de autoridade para tal regulação ou permissão é o homem hétero. Dessa forma, concordamos com Adrienne Rich quando afirma que

A mensagem mais perniciososa transmitida pela pornografia é a de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso, que sexualidade e violência são congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado. (REICH, 2010, p. 26).

O comentário selecionado para a análise evidencia o que a autora supracita, de forma primeira o comentário revela a ameaça de agressão física quando menciona “Só dar uma no queixo”, referindo-se a um murro, depois denota a dominação masculina quando afirma que algumas mulheres já perderam os valores, fazendo menção às cobranças patriarcais acerca do corpo feminino.

**Figura 4** - Publicação da página Sujeito homem



Fonte: Facebook<sup>5</sup>.

A última publicação a ser analisada tem como enunciado um elogio a vivência de um padrão imposto instituído, ou seja, hétero, casado e com posicionamentos conservadores. E, observa-se nos comentários analisados à opressão no tangente a liberdade da mulher tanto na questão da maternidade independente quanto a questão do direito de sair e se vestir, e o preconceito para com os homossexuais; o outro comentário é novamente voltado à opressão da população LGBTTI, os posicionamentos conservadores tendem a evidenciar os discursos que corroboram para opressões.

Nesse sentido, o que faz evidenciar a propagação de discurso de ódio nestas publicações não é somente o conteúdo nelas presentes, mas sim os comentários que delas surgem, o uso dos termos como viado, queima rosca, puta e toba são utilizados de

<sup>5</sup> Disponível em

<https://www.facebook.com/OrgulhodeserHetero/photos/a.587714874632677.1073741828.587546344649530/114515500555325/?type=3&permPage=1>. Acesso em Setembro de 2016.

maneira pejorativa em relação às minorias. Como “viado”, “toba” e “queima rosca” para tratar um integrante do grupo LGBTTI e, também, desvalorizar e oprimir a figura feminina, como é perceptível na palavra “puta”.

Por fim, analisamos os perfis daqueles que fizeram tais comentários em exposição, notou-se que esse tipo de discurso propagador de ódio é, na maioria das vezes, proferido por homens-héteros-brancos com posturas sociais de cunho conservador. Grupo que tem se intensificado em disseminar opressões nas redes sociais, tendo mais especificadamente o foco na população LGBTTI, utilizando não só os comentários das páginas, mas também criando-as e construindo seu conteúdo com publicações tendo enunciados preconceituosos.

## **Considerações finais**

Com essa análise, à luz de Foucault e Rich, objetivamos problematizar como as redes sociais hoje se tornaram um lugar privilegiado para esses discursos se efetivarem, tendo agora, além de uma função reguladora, o caráter opressor. Apartir dela, podemos dizer que os discursos de ódio que aí circulam enfatizam não mais cercar a sociedade como um todo através de uma “polícia do sexo”, como definira Foucault (2014) para se referir aos agenciamentos pautados na “necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos” (p. 28), mas sim, com discursos direcionados a oprimir através de termos pejorativos a população LGBTTI, discursos que não assumem “o rigor de uma proibição” (idem:ibid), mas de admoestações morais e moralizantes.

O discurso da sexualidade e do sexo enquanto mecanismo de construto social é percebido nas suas produções discursivas de poder-saber como produção micropolítica de relações de poder de regulação e de controle dos corpos, logo, tais instrumentos na contemporaneidade reverberam opressões aos corpos queer, como a pesquisa buscou evidenciar e problematizar. Ademais, podemos concordar com Foucault quando afirma que

O discurso- como a psicanálise nos mostrou- não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que- isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é aquilo que se traduz as lutas ou os sistemas de

dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 1999, p.10)

Esses discursos nas redes sociais evidenciam igualmente como o cenário de ódio, intolerância e violência vem crescendo nas redes sociais. A heterossexualidade compulsória busca ampliar suas práticas normativas para se consolidar como um regime políticos dos corpos. Neste sentido, a reverberação política de contradiscursos neste mesmo território em disputa que é a internet, pode indicar um caminho de militância política que está sempre buscando problematizar e repudiar a violência cotidiana da normatização heterossexual conservadora.

## Referências

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina/Pierre Bordieu**; tradução Maria Helena Kuner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil edições, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política/ Michel Foucault**; organização e seleção de textos Manuel Barros de Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque.

PRECIADO, Beatriz. **O Manifesto contrassexual - práticas subversivas de identidade sexual**. N-1 edições, 2015.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Tradução por Carlos Guilherme do Valle. Revista Bagoas, Natal, n. 5, 2010, p. 17-44.